

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e  
Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020  
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e  
Brasilidades em Educação e Relações Étnico-Raciais**

**LEITURA LITERÁRIA TEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO: A  
QUESTÃO RACIAL EM DOIS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

Suellen Pereira Miotto Lourenço<sup>1</sup>  
Rosana Carvalho Dias Valtão<sup>2</sup>

**Resumo**

A presença da literatura no ensino médio está, muitas vezes, limitada ao estudo dos estilos literários e suas características e biografia de autores consagrados. O texto literário, quando aparece, é apenas por fragmentos e para ser utilizado para exemplificar algum conteúdo, literário ou não. Ressaltando a importância social da escola, como instituição responsável pelo acesso ao conhecimento organizado, e a função da literatura na formação do homem, propomo-nos, neste trabalho, a apresentar uma alternativa metodológica para a leitura e estudo de dois contos de Machado de Assis: *Pai contra mãe* e *O caso da vara*. O que ora denominamos metodologia temática revela-se como uma alternativa que se pauta, de maneira articulada: a) na escolha de textos literários que se aproximam tematicamente (objeto de ensino); b) no planejamento de ações didáticas que promovam uma efetiva apropriação dos instrumentos culturais a serem transmitidos; c) no conhecimento sobre os destinatários dessa ação de ensino a fim de oportunizar a formação de leitores literários críticos, sensíveis e cada vez mais autônomos, capazes de perceber os valores ideológicos imbricados nas palavras. Com vistas a analisar as estratégias utilizadas pelo autor para denunciar as questões de raça e da escravidão no Brasil, lançamos mão da *poética da dissimulação* (Gledson

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e professora no magistério da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo (campus Nova Venécia). E-mail: [suellen.miotto@hotmail.com](mailto:suellen.miotto@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e professora no magistério da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo (campus de Alegre). E-mail: [rosana.dias24@hotmail.com](mailto:rosana.dias24@hotmail.com).

(1986), Ianni (1988), Chalhoub (2003), Duarte (2007), principalmente) para explicar como está marcada a consciência autoral nos textos machadianos. Nessa ambiência, dentre os vários temas que poderíamos abordar a partir da apreciação das duas obras, selecionamos a questão racial tendo em vista a necessidade ainda de fomentarmos: a) a defesa de um Machado de Assis que condena, pela via da ficção, o preconceito racial e a escravidão; b) a discussão desse tema, tão incômodo para alguns, no ambiente escolar. O Brasil é um país em que a maioria da população é de origem africana, ou seja, é preta ou parda, como mostrou a pesquisa de amostragem do IBGE em 2018, e está justamente nessa parcela da população o maior número de vítimas de homicídios no país: em 2017, o número de taxa de homicídios por 100 mil habitantes revela que, em um total de 65.602 homicídios, 49.524 foram contra pessoas pretas ou pardas. Por isso, tomar o texto de Machado de Assis de maneira a garantir que sua escrita explicita e denuncie realidades tão desumanas do passado e que atravessam nossos dias é necessário e urgente. Com tal proposta, e amparados nos pressupostos didáticos da pedagogia histórico-crítica (MARSIGLIA, MARTINS e LAVOURA, 2019), pretendemos colaborar para um ensino de Literatura que, partindo da realidade do aluno, possibilite a ampliação de seu conhecimento de mundo, de seu vocabulário, de suas relações, a fim de promover o máximo desenvolvimento de suas capacidades afetivo-cognitivas, dando-lhe condição de analisar os fenômenos da prática social em sua história e contradições e agir em prol de sua transformação.

Palavras-chave: Leitura literária temática. Leitura literária no ensino médio. Machado de Assis e *poética da dissimulação*.

## **1 Introdução**

É inegável o legado que o poeta, romancista, contista, cronista e crítico Machado de Assis deixou à literatura brasileira e mundial. O autor tem como marca singular o cultivo de temas que atravessam épocas e civilizações, como a hipocrisia, o ciúme, a mesquinhez, motivo que o elege como grande símbolo do universalismo em nossas letras.

Porém, apesar de impulsionar o estudo da obra de Machado mundo afora, colaborando para a sua inserção entre os melhores autores da literatura universal (BLOOM, 2003), essa universalidade presente em seus textos também traz consigo um ônus: a criação da imagem de um escritor omissos, alheio ao seu tempo e seu país. Na empreitada de desmitificar essa vertente, muitos pesquisadores têm apontado as estratégias utilizadas por Machado para denunciar as questões de raça e da escravidão no Brasil sem recorrer a uma linguagem panfletária ou a um discurso de tom declamatório. A chamada *poética da dissimulação* tem sido muito bem analisada por Gledson (1986), Ianni (1988), Chalhoub (2003), Duarte (2007) e outros críticos/pesquisadores que trazem à baila a consciência autoral nos textos machadianos.

Em uma leitura minuciosa é possível perceber que a perspectiva afro-brasileira está claramente presente e orienta boa parte da obra do autor, sem, contudo, eliminar o potencial universal de seus escritos. Ao tratar da questão racial no Brasil a partir de insinuações e ironias finas, Machado estabelece uma relação dialética entre linguagem e pensamento, entre a forma textual que adota e a denúncia de uma sociedade escravista.

Levar para sala de aula e propor discussões produtivas no que se refere a essa temática é necessário e urgente. O Brasil é um país em que a maioria da população é de origem africana, ou seja, é preta ou parda, como mostrou a pesquisa de amostragem do IBGE em 2018, conforme as tabelas abaixo.

Tabela 1.1 - Distribuição da população, por cor ou raça, com indicação do coeficiente de variação, segundo sexo e grupos de idade - 2018

Sexo e grupos de idade	Total (1 000 pessoas)		Distribuição percentual por cor ou raça									
			Branca		Preta		Parda		Amarela		Indígena	
	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)
Brasil	207 853	-	43,1	0,5	9,3	1,2	46,5	0,4	0,7	5,5	0,4	5,6
Sexo												
Homens	100 333	0,2	42,3	0,6	9,5	1,3	47,1	0,5	0,7	6,4	0,4	6,3
Mulheres	107 521	0,2	44,0	0,6	9,0	1,4	46,0	0,5	0,7	5,7	0,4	6,3
Grupos de idade												
0 a 14 anos	41 693	0,5	41,9	0,7	7,1	2,4	50,2	0,6	0,5	9,2	0,4	11,3
15 a 29 anos	47 496	0,4	39,0	0,7	9,7	1,8	50,4	0,6	0,5	9,5	0,4	7,6
30 a 49 anos	61 684	0,4	41,9	0,7	10,4	1,4	46,5	0,6	0,7	6,3	0,4	6,3
50 a 59 anos	25 000	0,7	46,4	0,8	10,0	2,1	42,6	0,8	0,6	10,2	0,4	10,9
60 anos ou mais	31 981	0,8	50,7	0,7	8,8	2,0	39,2	0,9	1,0	8,4	0,3	8,2

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018, consolidado de primeiras entrevistas.

Nota: Indígenas, amarelos e pessoas sem declaração de cor ou raça constam no total.

**Tabela 1.2 - Distribuição etária da população, por cor ou raça, com indicação do coeficiente de variação - 2018**

Faixa etária	Distribuição etária da população									
	Total (1 000 pessoas)		Cor ou raça				Distribuição percentual por cor ou raça			
			Branca		Preta ou parda		Branca		Preta ou parda	
	Absoluto	CV (%)	Absoluto	CV (%)	Absoluto	CV (%)	Proporção	CV (%)	Proporção	CV (%)
<b>Total</b>	<b>207 853</b>	<b>-</b>	<b>89 663</b>	<b>0,6</b>	<b>115 965</b>	<b>0,4</b>	<b>43,1</b>	<b>0,5</b>	<b>55,8</b>	<b>0,4</b>
0 a 4 anos	13 124	0,9	6 076	1,5	6 940	1,2	46,3	1,0	52,9	0,9
5 a 9 anos	13 645	0,9	5 629	1,4	7 900	1,1	41,3	1,1	57,9	0,8
10 a 14 anos	14 923	0,8	5 757	1,4	9 040	1,0	38,6	1,1	60,6	0,7
15 a 19 anos	16 442	0,8	6 010	1,3	10 294	1,0	36,6	1,1	62,6	0,6
20 a 24 anos	16 048	0,8	6 348	1,3	9 542	1,0	39,6	1,1	59,5	0,7
25 a 29 anos	15 006	0,8	6 160	1,4	8 686	1,1	41,1	1,1	57,9	0,8
30 a 34 anos	16 072	0,8	6 600	1,4	9 274	1,0	41,1	1,1	57,7	0,8
35 a 39 anos	16 906	0,8	7 027	1,5	9 689	1,0	41,6	1,1	57,3	0,8
40 a 44 anos	15 187	0,8	6 390	1,4	8 622	1,0	42,1	1,0	56,8	0,8
45 a 49 anos	13 519	0,8	5 858	1,4	7 507	1,1	43,3	1,1	55,5	0,8
50 a 54 anos	13 324	0,9	6 101	1,4	7 099	1,1	45,8	1,0	53,3	0,9
55 a 59 anos	11 676	1,0	5 499	1,6	6 046	1,2	47,1	1,1	51,8	1,0
60 a 64 anos	10 109	1,1	4 888	1,7	5 083	1,4	48,4	1,1	50,3	1,1
65 a 69 anos	7 821	1,2	3 804	1,8	3 914	1,5	48,6	1,2	50,0	1,2
70 a 74 anos	5 689	1,4	2 922	2,1	2 682	1,8	51,4	1,3	47,1	1,4
75 a 79 anos	3 838	1,7	2 055	2,4	1 733	2,2	53,5	1,5	45,2	1,8
80 anos e mais	4 524	1,7	2 538	2,4	1 915	2,1	56,1	1,4	42,3	1,8

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>

As duas tabelas já indicam a necessidade de desvelar as realidades historicamente ocultadas pela ideologia dominante no que se refere a vida das pessoas de origem africana no Brasil. Contudo, mais alarmante é que o número de taxa de homicídios por 100 mil habitantes, no país, em 2017, revela que, em um total de 65.602 homicídios, 49.524 foram contra pessoas pretas ou pardas.

**Tabela 5.6 - Número e taxa de homicídios, por grupos de idade, segundo sexo e cor ou raça - 2017**

Sexo e cor ou raça	Número e taxa de homicídios (por 100 mil habitantes)										
	Total		Grupos de idade								
	Absoluto	Taxa	0 a 14 anos		15 a 29 anos		30 a 59 anos		60 anos ou mais		
		Absoluto	Taxa	Absoluto	Taxa	Absoluto	Taxa	Absoluto	Taxa	Absoluto	Taxa
<b>Total</b>	<b>65 602</b>	<b>31,7</b>	<b>949</b>	<b>2,1</b>	<b>35 783</b>	<b>69,9</b>	<b>25 351</b>	<b>30,2</b>	<b>2 532</b>	<b>9,4</b>	
<b>Sexo</b>											
Homem	60 559	59,9	691	3,0	33 772	131,1	23 077	56,8	2 181	18,3	
Mulher	4 936	4,7	258	1,2	2 008	7,9	2 273	5,2	350	2,3	
<b>Cor ou raça</b>											
Branca	14 395	16,0	193	1,1	6 573	34,0	6 528	17,3	987	6,4	
Preta ou parda	49 524	43,4	690	2,9	28 437	98,5	18 326	39,0	1 475	10,4	
<b>Sexo e cor ou raça</b>											
Homem branco	12 902	30,2	126	1,4	6 065	63,5	5 782	32,8	823	12,2	
Homem preto ou pardo	46 217	82,5	520	4,2	26 999	105,0	16 846	74,5	1 298	20,4	
Mulher branca	1 492	3,2	67	0,8	508	5,2	746	3,7	164	1,9	
Mulher preto ou parda	3 288	5,7	170	1,5	1 437	10,1	1 480	6,1	177	2,3	

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>

Por isso, tomar o texto de Machado de Assis de maneira a garantir que sua escrita explicita e denuncie realidades tão desumanas do passado e que atravessam nossos dias é uma forma de oportunizar aos alunos, estudantes do ensino médio e leitores de literatura, refletir sobre o tema, pensar em sua

realidade, do outro e da sociedade ao seu redor e com isso oportunizar o desenvolvimento de sua parcela de humanidade.

## **2 Machado De Assis no Ensino Médio: Uma leitura sob o viés da questão racial**

A fim de oportunizar aos docentes uma alternativa para a mediação da leitura literária de Machado de Assis, apresentaremos uma sucinta análise de dois contos que, sempre em resistência à fixação acrítica de indicações etárias, podem ser lidos e discutidos com alunos do Ensino Médio. O que ora denominamos metodologia temática revela-se como uma alternativa que se pauta, de maneira articulada: a) na escolha de textos literários que se aproximam tematicamente (objeto de ensino); b) no planejamento de ações que promovam uma efetiva incorporação dos instrumentos culturais a serem transmitidos; c) no conhecimento sobre os destinatários dessa ação de ensino a fim de oportunizar a formação de leitores literários críticos, sensíveis e cada vez mais autônomos, capazes de perceber os valores ideológicos imbricados nas palavras ditas/escritas (ou não escritas). Amparados, para tal, na pedagogia histórico-crítica, pretendemos colaborar para um ensino de Literatura que, partindo da realidade do aluno, possibilite a ampliação de seu conhecimento de mundo, de seu vocabulário, de suas relações, a fim de promover o máximo desenvolvimento de suas capacidades afetivo-cognitivas, dando-lhe condição de analisar os fenômenos da prática social em sua história e contradições e agir em prol de sua transformação (MARSIGLIA, MARTINS e LAVOURA, 2019).

Nessa ambiência, selecionamos dois contos de Machado de Assis para nossa análise: *Pai contra mãe* e *O caso da vara*. Dentre os vários temas que poderíamos abordar de forma comparativa a partir da apreciação das duas obras, selecionamos a questão racial tendo em vista a necessidade ainda de fomentarmos: a) a defesa de um Machado de Assis que condena, pela via da ficção, o preconceito racial e a escravidão; b) a discussão desse tema, tão incômodo para alguns, no ambiente escolar, onde, com primazia, se forma para a cidadania e para o trabalho a juventude brasileira. Além disso, reconhecer essa

temática na obra de Machado de Assis é também buscar em sua escrita traços do que viveu sua ancestralidade.

Passemos aos contos.

### 2.1 *Pai contra mãe*

O conto *Pai contra mãe* foi publicado em *Relíquias da casa velha* (1906) e é um dos textos em que o autor trata de forma mais explícita a questão da escravidão no Brasil e os conflitos sociais gerados por ela. A violência da dominação racial está entranhada no texto desde o início, quando o narrador descreve alguns instrumentos aplicados na tortura aos cativos. Importante salientar que o conto foi escrito em um Brasil pós-abolição, o que nos remete ao fato de haver intencionalmente um desejo autoral de não-esquecimento do que há pouco ocorrera com os negros no país.

Machado de Assis entretece habilidosamente todo o conto com sinais de sua postura frente às questões sociais da época, um exemplo acontece ao arrematar o parágrafo inicial com “Mas não cuidemos de máscaras”, o autor revela com certa ironia, uma de suas especialidades, que além dos castigos físicos, outro sofrimento, talvez maior, era cotidiano aos então escravos: a objetificação. Fica claro pela leitura do conto que à escrava fujona, capturada no final da narrativa, é tomada como uma propriedade, ignorando qualquer forma de respeito ou dignidade, a ela não é dado nem sequer o direito de ser mãe. Essa frase dita por um professor de história nos soa verdadeira e coerente com o nosso conhecido passado escravista. Acontece que, pela via sinuosa da literatura, Machado consegue colocar o leitor diante da necessidade de uma escolha: ou “torce” por Cândido Neves ou “torce” pela mulata fujona, os dois protagonistas do conto em apreço. A habilidade do escritor emerge quando o leitor alcança quase o final da trama com um sentimento de solidariedade pelo capitão do mato, o que implica no reconhecimento de que é uma difícil escolha a que tem que fazer.

Além disso, o texto encerra-se com a reflexão de Neves “nem todas as crianças vingam”, frase carregada de ironia que revela o fato de que para a vida da criança branca foi necessária a morte da criança negra. O realismo do conto aponta para o sistema violento instalado naquela sociedade marcada pelo

embrutecimento das falas e ações do protagonista e pela naturalização das consequências de uma luta desigual, anunciada desde o título.

Interessante observarmos também que não encontramos em nenhum lugar do texto uma referência que nos possibilite afirmar que Cândido Neves era um homem branco (apesar da alusão onomástica sugerida). Cabe, portanto, rememorar o fato de serem mulatos muitos capitães do mato à época da escravidão no Brasil, o que permite suscitar mais essa reflexão acerca da narrativa.

O título do conto acaba por arrematar a trama, representando simbolicamente a desagregação do núcleo familiar, mas também é inovador no sentido de nomear a escrava como mãe, numa visão bem antagônica à da elite senhorial. A luta pela sobrevivência dos filhos nos parece servir de metáfora a todas as necessidades primárias para a compleição de uma vida digna que são postas, no nosso *status quo*, em uma arena. Dito de outro modo, é como se Machado denunciasse a não existência de oportunidades dignas para todos, especialmente negros e pobres, logo, torna-se necessária a luta, mesmo que desigual, pela sobrevivência. Que vença o mais forte, em uma visão estritamente humanitista.

## 2.2 O caso da vara

Encontramos em *O caso da vara*, conto publicado em 1891, a questão da escravidão decantada em uma narrativa que tem como protagonistas Damião, um jovem que foge do seminário, e Sinhá Rita, senhora da casa e amante (não assumida) de seu padrinho. Em meio às conversas dos dois integrantes da classe hegemônica, surgem, de forma inibida, as risadas e olhares da escrava Lucrecia. Parece-nos que Machado utiliza a figura desses três personagens para uma representação da composição social que vigorava: a escrava aparece em segundo plano, mas nem por isso deixa de chamar a atenção do leitor, assim como o sistema escravocrata representava para os senhores, apesar de escuso, o fundamento econômico da sociedade.

A escrava Lucrecia é retratada no conto com adjetivos como *pequena*, *negrinha*, *magricela*, *frangalho*, numa clara alusão ao seu apequenamento e fragilidade dentro daquele sistema. A cada risada ou gracejo da menina, Sinhá

Rita respondia com uma reprimenda que nos serve de amostra da dureza das condições de vida da criança escrava. E esses momentos de distração têm um alto preço para ela. Damião, que em certo momento do conto pensara em 'apadrinhar' a garota a fim de livrar-lhe do castigo, vê-se enredado pela suas próprias necessidades e acaba por abandonar a ideia inicial. Com esse gesto, de entregar a vara, o jovem representa todos aqueles que foram complacentes com a questão da escravidão no Brasil justificando seus atos em nome da 'necessidade social'. Além disso, o leitor, que a certa altura pensa que haverá proteção para a menina Lucrecia, vê-a abandonada e castigada por aquela que, desde o início da narrativa, mostrou-se benevolente com a causa do jovem Damião.

Nesse sentido, é perceptível a presença autoral de Machado ao empenhar-se em deixar inscritas as marcas da existência escravizada frente à hipocrisia dos brancos. Se o autor com primazia escolhe personagens brancos para a composição de seus protagonistas, não faz mais do que retratar com exatidão a forma como as relações sociais se estabeleciam e o papel que era reservado a cada um no Brasil do final do século XIX. Além disso, compreendemos que ao deslocar o olhar do leitor para o mundo do branco, Machado, conscientemente, condena o discurso senhorial e faz alusão a uma organização social que não mais se sustenta.

O conto em apreço é um excelente exemplar da crítica machadiana, sutil, mas repleta de ironia amarga. A fuga de Damião torna-se, numa leitura integral, secundária. Não é possível saber se o rapaz voltou ou não ao seminário, pois sua conduta moral, regida pelos instintos da autoconservação, é que torna-se central na trama. A impiedade do jovem não é atenuada pelo fato de Lucrecia ser criança e do sexo feminino. Ademais, a cicatriz na testa e a queimadura em uma das mãos da menina parecem comprovar os excessos cometidos pela elite. Esses fatos acabam por realçar o rigor do tratamento dispensado pela Sinhá, o que revela a condição subalterna do negro frente à insensibilidade e hipocrisia do branco.

Por fim, podemos analisar ainda a condição de Damião dentro desse sistema hierárquico patriarcal. O jovem, que se inscreveu na vida eclesiástica por imposição do pai, parece-nos também subjugado por um sistema de dominação



na medida em que vê-se “escravizado” pela vontade senhorial. Talvez por isso ele se identifique com a menina a ponto de desejar apadrinhá-la. Porém, seus interesses pessoais falam mais alto e ele acaba por contribuir para o seu castigo ao entregar a vara. Ao retratar esse momento como o clímax do conto, Machado de Assis evidencia o peso da hierarquia em uma sociedade pautada por laços de dominação e dependência.

### *2.3 A leitura literária temática no contexto escolar: alternativas didáticas*

Face à apresentação das duas obras que foi feita nas linhas precedentes, a partir do recorte em torno da questão racial, sugerimos que o professor realize a leitura integral dos contos em sala de aula. Durante os momentos de leitura, é fundamental que o professor, em seu papel de mediação, instigue os alunos a reflexões sobre o que está sendo lido. Esse momento de leitura coletiva, compartilhada e mentoreada é importante para a compreensão acerca dos aspectos simbólicos presentes na linguagem literária.

Após a leitura completa dos dois contos, algumas questões podem ser propostas aos estudantes para debate sobre as vozes enunciativas, o momento de escrita das obras e sobre a forma como as relações de poder são retratadas nos contos. É importante destacar os recursos utilizados por Machado para a escrita de uma obra que condena sem ser panfletária. Para isso, o professor deve conduzir a análise de palavras/expressões que indicam o viés ideológico do texto, como sugerido nas análises acima. E, em paralelo, justamente para instrumentalizar a discussão, é provável que surja a necessidade de ensino-aprendizagem de conceitos e de uma metalinguagem do campo literário: ironias, metáforas, tipos de discurso, hipérboles etc.

Pode-se, ainda, sugerir a leitura de outros contos do autor em busca de verificar de que forma as relações sociais, principalmente entre negros e brancos, se estabelecem nos contextos lidos, promovendo uma análise que considere as impressões do aluno ao ler esses textos na contemporaneidade.

## **3 Considerações Finais**

Acreditamos que a construção de uma sociedade mais equânime passa pela democratização do conhecimento. E, nesse contexto, a educação formal cumpre um papel protagonista a partir do momento que oportuniza a construção de uma consciência crítica coletiva. Em tempos de resistência, é preciso estar atento e ter anelo por uma prática pedagógica que busque a autonomia de pensamento frente aos modelos impostos pelos poderes constituídos.

Diante da breve análise que construímos a partir dos contos machadianos *Pai contra mãe* e *O caso da vara*, podemos tecer alguns apontamentos sobre como a linguagem empregada nos textos pode revelar uma atitude questionadora das vozes enunciantes quanto às questões raciais e à escravidão.

Além disso, a leitura desses contos nos revela um Machado de Assis claramente contrário ao etnocentrismo e ao escravismo, sendo impossível a nossa concordância com a ideia de um escritor omissivo ao seu tempo. Para o aluno de Ensino Médio, nada mais propício que a leitura de Machado de Assis a fim de compreendermos a prática social para além da aparência dos fenômenos por meio do potencial discursivo que há no texto literário.

A leitura dessas obras nos leva a questionar, ainda, se essas marcas de preconceito/dominação/violência não continuam presentes na forma como se constituem os vínculos sociais e na própria constituição social (política, econômica, educacional e cultural) atualmente. A busca pelo silenciamento em muitos desses contextos revela, por ora, uma resposta positiva a essa questão.

A despeito deste cenário, relembramos que a prática educativa deve apontar sempre para a formação de um sujeito reflexivo que vai interagir socialmente e constituir a coletividade. Este, sim, o fim desejado da Educação: a constituição de cidadãos autônomos e conscientes de seus papéis sociais.

## **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. **Obra Completa vol. II**. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

BLOOM, Harold. **Gênio**: os 100 autores mais criativos da história da literatura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CANDIDO, A. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente**: escritos de caramujo. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Palas; Crisálida, 2007.

GLEDSOON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** (Usp), São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. In: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>>. Acesso em 07 out. 2020.

MARSIGLIA, A.C.; MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. Rumo à outra didática histórico-crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, v. 19, p. 01 a 28, 2019.